

REFLEXOS DE UMA AÇÃO ANTI-FAKE NEWS EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE ENSINO

Tarliz Liao¹

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Robson dos Santos Pereira²

Secretaria Municipal de Educação de Japeri - RJ

Andrea Thees³

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Maycon Silva Aguiar⁴

Instituto Federal do Rio de Janeiro

RESUMO

Neste artigo, apresentamos percursos de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório-descritivo, sobre o fenômeno designado *fake news* e sobre seus impactos na sociedade contemporânea, tema que, considerando como a cultura digital se infiltra em nossa sociedade e a velocidade com que dissemina informações, denota grande relevância. Nosso objetivo principal é refletir sobre os desdobramentos de um ciclo de palestras voltadas ao enfrentamento às *fake news* em espaços não formais de educação, verificando, assim, como os sujeitos participantes podem tornar-se mais questionadores; mais atentos às informações recebidas e à verificação de suas fontes; e mais conscienciosos de suas futuras replicações. Ressaltamos que o ciclo de palestras intitulado “O combate às *fake news*”, realizado em parceria com a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME/RJ), ocorreu em três Naves do Conhecimento, iniciativas do município que oferecem à população contato com o universo digital. Como instrumento de coleta de dados, a pesquisa adotou entrevistas presenciais semiestruturadas aplicadas, ao término das palestras, a 26 participantes. Os resultados obtidos apontam a

¹ Pós Doutor pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor Associado I no Departamento de Didática da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Rua dos cidade, estado, país. Endereço para correspondência: Av. Pasteur, 458 - Urca Rio de Janeiro, 22290-240, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9878-3992>. E-mail: paraotarlizliao@gmail.com

Mestrado em Tecnologia para o Desenvolvimento Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor de Língua Portuguesa pela Secretaria Municipal de Educação de Japeri (SEMED), Rio de Janeiro, Brasil. Endereço para correspondência: Rua Sananduva 9, Campo Grande, Rio de Janeiro, Brasil, CEP 23016-310. ORCID: <https://orcid.org/my-orkid?orkid=0000-0002-6693-0329>. E-mail: robsonssantospereira@gmail.com

² Doutora em Educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (2018). Professor Adjunto C4 no Departamento de Didática da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Rua dos cidade, estado, país. Endereço para correspondência: Av. Pasteur, 458 - Urca Rio de Janeiro, 22290-240, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9878-3992>. E-mail: andrea.thees@unirio.br.

⁴ Mestre em Linguística pela UFRJ. Técnico em Assuntos Educacionais do IFRJ. Endereço para correspondência: Av. Prefeito Botafogo, s/nº, Bairro Comercial, Resende - RJ, CEP: 27542-000. ORCID: <https://orcid.org/my-orkid?orkid=0000-0003-2998-865X>. E-mail: maycon.aguiar@ifrj.edu.br.

efetividade do ciclo de palestras e permitem identificar lacunas e desafios impostos a palestrante e a pesquisadores.

Palavras-chave: Fake News; Tecnologia social; Espaços não formais de educação.

REFLECTIONS OF AN ANTI-FAKE NEWS INITIATIVE IN NON-FORMAL EDUCATIONAL SPACES

ABSTRACT

This article presents the main pathways of a qualitative study on the phenomenon known as fake news and its impacts on contemporary society – a topic of significant relevance, especially considering the extent to which digital culture has permeated society and disseminated information at considerable speed. Its primary objective is to reflect on the outcomes of a series of lectures aimed at confronting fake news within non-formal educational spaces, thereby examining how the participating individuals may become more inquisitive; more attentive to the information they receive and the verification of its sources; and more conscientious about its potential replication. It is worth noting that the lecture series, titled “The Fight Against Fake News”, was conducted in partnership with the Municipal Secretariat of Education of Rio de Janeiro (SME/RJ) and took place in three Naves do Conhecimento – municipal initiatives that provide the population with access to the digital world. Qualitative in nature, the research adopted the semi-structured in-person interview method as its data collection instrument. This method was applied to the participants of the lecture series in order to assess the knowledge they had acquired regarding fake news. The findings point to the effectiveness of the lecture series and make it possible to identify gaps and challenges faced by both the speaker and the researchers.

Keywords: Fake news; Social technology; Non-formal educational spaces.

REFLEJOS DE UNA ACCIÓN ANTI-FAKE NEWS EN ESPACIOS NO FORMALES DE ENSEÑANZA

RESUMEN

Este artículo presenta los principales recorridos de una investigación cualitativa sobre el fenómeno denominado fake news y sus impactos en la sociedad contemporánea, un tema que, considerando cómo la cultura digital se infiltra en nuestra sociedad y disemina información con notable rapidez, adquiere gran relevancia. Su objetivo principal es reflexionar sobre los desdoblamientos de un ciclo de conferencias orientadas al enfrentamiento de las fake news en espacios no formales de educación, verificando así cómo los sujetos participantes pueden volverse más críticos; más atentos a la información recibida y a la verificación de sus fuentes; y más conscientes en sus futuras replicaciones. Cabe resaltar que el ciclo de conferencias titulado “El combate a las fake news”, realizado en colaboración con la Secretaría Municipal de Educación de Río de Janeiro (SME/RJ), tuvo lugar en tres Naves del Conocimiento, iniciativas del municipio que ofrecen a la población acceso al universo digital. De naturaleza cualitativa, la investigación adoptó como instrumento de recolección de datos el método de entrevista presencial semiestructurada, aplicado a los participantes del ciclo de conferencias con el fin de evaluar los conocimientos adquiridos sobre las fake news. Los resultados obtenidos indican la efectividad del ciclo de conferencias y permiten identificar vacíos y desafíos impuestos tanto al conferencista como a los investigadores.

Palabras clave: Fake news; Tecnología social; Espacios no formales de educación.

INTRODUÇÃO

A partir dos pressupostos de que vivemos em uma cultura digital capilarizada (Santaella, 2018; Castells, 2009) e de que as relações humanas, sociais, políticas e educacionais se imbricam

com os usos, com os sentidos e com os efeitos das tecnologias digitais (TD), torna-se premente avaliar como os mais variados tipos de informação se difundem nas redes sociais, por meio de mecanismos de reiteração, de viralização e de opacidade algorítmica.

Neste artigo, assume-se informação como um conjunto bruto de dados cuja interpretação é necessária para que se consubstancie em (efeitos de) sentido para sujeitos (Lévy, 2010; Freire, 2020; Beluzzo, 2003). De tal perspectiva, a informação não exhibe valor intrínseco: seus efeitos simbólicos e pragmáticos se constroem à luz das formações discursivas, sociais e ideológicas que constituem os sujeitos e que os inserem em circuitos comunicacionais diversos. Se for compreendida desse modo, a informação opera como recurso comunicativo e como instrumento de ação e de mediação do mundo social – uma espécie de “energia social”, nos termos de Castells (2009), cuja potência é proporcional à sua circulação, à sua recepção e à sua (re)significação.

Do conceito de informação adotado, decorre que a noção de conhecimento, subjacente à formação de saber crítico, não se reduz à apreensão e/ou à acumulação de dados. Antes, supomos que o conhecimento se impõe como resultado de processos de análise, de validação, de comparação e de síntese orientados por princípios ético-cognitivos e por competências argumentativas que possibilitem a inserção crítica dos sujeitos em diversos campos da vida social; logo, configura-se como prática discursiva situada e fundada em processos de leitura do mundo (Freire, 2008), distanciando-se da ideia de episteme autônoma.

O aparecimento da informática e de outras tecnologias associadas à reestruturação do capitalismo contribuiu para a ampliação do acesso à informação e à comunicação, expandindo-se, com mais intensidade, na última década do século XX e no início do século XXI. Em contrapartida ao avanço tecnológico, como Masetto (2000) antecipava, houve certa precarização das práticas pedagógicas, reduzidas, muitas vezes, à transmissão mecânica de conteúdos, sem que se cultivem, nos aprendizes, problematização crítica e apropriação reflexiva. Essa dinâmica favoreceu o estabelecimento de uma cultura informacional em cujo âmbito a ilusão de acesso irrestrito à verdade convive, paradoxalmente, com a proliferação de conteúdo fraudulento e de desinformação.

Com efeito, uma série de fenômenos, como os referidos pelas expressões pós-verdade, *bullshit* e *disinformation*, incluiu-se no repertório comunicacional das sociedades ocidentais e é onipresente na política, na ciência, na educação, na saúde e nas redes sociais. As três categorias e

outras inúmeras tanto designam regimes de circulação informacional quanto instauram formas de manipulação simbólica, de apagamento da verdade factual e de erosão das referências epistêmicas coletivas (D’Ancona, 2018; Han, 2021).

De acordo com Charaudeau (2022), a pós-verdade corresponde a um regime discursivo que privilegia a emoção, a crença e o engajamento subjetivo em detrimento do rigor lógico e da validação empírica, configurando-se como uma forma de desvalorização sistemática do saber científico e de suas mediações. Tal regime é reforçado por elementos como o negacionismo, como o conspiracionismo e como o recurso a contranarrativas distorcidas.

Santaella (2018), por sua vez, situa-o no bojo da democratização do acesso ao mundo digital e sugere que o contato com dispositivos tecnológicos não garante, por si, apropriação crítica e consciente das práticas comunicacionais contemporâneas. Para a autora, é necessário desenvolver “experiências de aprendizagem que articulem tecnologias, ética e cidadania” (Santaella, 2018), sob pena de se naturalizar a desinformação como um dado da cultura digital.

Stokke e Fallis (2017) se alinham aos autores citados e distinguem a mentira do fenômeno do *bullshit*, caracterizado por uma postura de indiferença em relação à verdade: enquanto o mentiroso sabe que falseia a verdade, o *bullshitter* não organiza sua intervenção discursiva a partir de um compromisso efetivo com a veracidade. Notemos, pois, que o problema não se limita ao conteúdo falso, se for analisado de maneira isolada, e ameaça, com um estado de total deterioração, as condições de investigação compartilhada, de validação pública e de responsabilidade argumentativa nos espaços sociais.

Perante os contextos mencionados, esta investigação se embasou na seguinte questão: como a formação de indivíduos sobre *fake news* contribui como ação de combate e de prevenção a essa prática digital? A indagação resultou no objetivo geral de refletir acerca de possíveis contribuições que palestras direcionadas ao tema podem gerar na constituição da criticidade de sujeitos e em sua capacidade de resistência a mecanismos de desinformação. Como objetivos específicos, visamos a (i) identificar impactos positivos das palestras na compreensão do funcionamento das *fake news* e a (ii) caracterizar suas implicações nas mídias sociais, evidenciando seu potencial educativo e seu papel como instâncias pedagógicas informais.

A pesquisa se justifica pela urgência do combate à desinformação e pela necessidade de instrumentalizar os cidadãos – em especial, os mais vulneráveis – com ferramentas discursivas,

cognitivas e técnicas que lhes permitam atuar de modo informado politicamente, de modo responsável eticamente e de modo sensível culturalmente em contextos de intensificação do infocalipse (Han, 2021). O horizonte, portanto, é o de uma pedagogia da crítica informacional, assentada em práticas emancipadoras de leitura, de análise e de responsabilização discursiva.

REFERENCIAL TEÓRICO

Embora tenha-se popularizado nos discursos midiáticos e políticos contemporâneos, o fenômeno das *fake news* transcende a ideia simplificada de “notícias falsas”. Seu núcleo reside menos na falsidade das proposições e mais em sua capacidade de provocar engajamento acrítico, mobilização emocional e distorção de referenciais sociais. Conforme Wardle (2019) alerta, esses conteúdos não costumam ser compostos por informações inventadas de todo: em geral, mesclam elementos factuais com distorções estratégicas, o que lhes confere aparência de verossimilhança e os faz mais perigosos do que mentiras explícitas.

Para fins classificatórios, Wardle (2019) propôs uma tipologia tripartida – desinformação, mesinformação e malinformação – que se converteu em uma das mais adotadas na literatura recente.

Quadro 1 – Classificação de *fake news*

Tipo	Definição
Desinformação	Trata-se de informações falsas cuja finalidade é a de motivar estragos por meio de fatores financeiros; de intervenção política, seja nacional, seja internacional; e de multiplicação de danos.
Mesinformação	É encadeada pela participação da desinformação: na mesinformação, existem informações falsas, que, contudo, não são compreendidas pelas pessoas que as partilham.
Malinformação	Há a finalidade de instigar estragos com a divulgação de acontecimentos alterados.

Fonte: Elaboração baseada em Wardle (2019)

Wardle (2019) pontua que a desinformação é disseminada intencionalmente, a fim de promover estragos, ao passo que, nos casos de mesinformação e de malinformação, existe a possibilidade, mesmo que seja remota, de os responsáveis não desejarem ocasionar prejuízos a

terceiros. Apesar de a disseminação ser proposital ou não, os três tipos de *fake news* se difundem no contexto social; para isso, há sete meios de repercussão, como se exibem no Quadro 2.

Quadro 2 – Tipos de desinformação

Tipo	Definição
Conteúdo enganoso	Surge tanto em textos verbais quanto em textos não verbais, como imagens; muitas vezes, é auxiliado por inteligência artificial. Tem as finalidades de manipular o usuário e de estimular o sensacionalismo.
Conexão falsa	É uma estratégia utilizada nos mecanismos digitais de buscas para propagar informações falsas.
Sátira ou paródia	É uma ferramenta muito utilizada em redes sociais para propiciar humor de forma irônica, principalmente no que tange a assuntos políticos.
Conteúdo fabricado	Com vídeos e com imagens falsos, adota a inteligência artificial como recurso para enganar usuários da internet.
Conteúdo manipulado	Parte de seu conteúdo é modificada com o fito de reproduzir desordem entre os usuários de internet.
Conteúdo impostor	Nas redes sociais, concretiza-se com perfis, com comentários e com outros materiais falsos, como áudios.
Conteúdo falso	É muito utilizado em redes sociais, sobretudo por meio da alteração dos contextos aos quais certas imagens se relacionam. Sua função é a de confundir informações verdadeiras e falsas.

Fonte: Elaboração baseada em Wardle (2019)

Santaella (2018) situa a desinformação contemporânea no domínio de uma dinâmica mais ampla das mídias digitais, a qual é marcada pela formação de bolhas informacionais, pela circulação de *fake news* e pelo enfraquecimento dos critérios públicos de validação da verdade. Segundo a autora, as bolhas informacionais são “constituídas por pessoas que possuem a mesma visão de mundo, valores similares e o senso de humor em idêntica sintonia” (Santaella, 2018, p. 6), o que tende a reforçar circuitos de confirmação recíproca e a reduzir a exposição ao dissenso.

Nesse ambiente, (i) a difusão de *fake news* se articula a um regime discursivo sob o qual a adesão afetiva, a crença e a identificação grupal concorrem com a verificação factual; e (ii) se obtém o quadro completo que permite compreender a pós-verdade como condição de fortalecimento de discursos que relativizam consensos científicos e evidências empíricas, como se observa, por exemplo, nas controvérsias em torno da crise climática e na persistência da crença na terra plana.

Os estudos de Tandoc Jr. et al. (2018) sugerem, na mesma direção, que a noção de *fake news* funciona mais como uma categoria discursiva do que como um conceito técnico. Em muitos casos, a expressão é mobilizada para deslegitimar adversários ideológicos, para subverter a autoridade epistêmica do jornalismo e para promover campanhas de desinformação sob o disfarce de crítica à mídia. Assim, é necessário analisar as funções performativa e política das *fake news*, indo além de sua constituição formal.

A digitalização das práticas comunicacionais humanas e a emergência de plataformas baseadas em algoritmos de recomendação reconfiguraram as formas como os sujeitos se informam, como formam opiniões e como se engajam politicamente. A nova ambiência sociotécnica – que preconiza hiperconectividade, vigilância de dados e economia da atenção – favorece a circulação de conteúdos sensacionalistas, emocionais e conspiratórios, que maximizam o tempo de exposição dos usuários e o tráfego digital (Pariser, 2011; Zuboff, 2020). Nesse cenário, a noção de infodemia, termo cunhado pela Organização Mundial de Saúde durante a pandemia de covid-19, adquire centralidade: remete à superabundância de informações, tanto verdadeiras quanto falsas, dificultando a identificação de fontes confiáveis e comprometendo a tomada de decisões racionais. Segundo Lima et al. (2021), a infodemia abala os alicerces da saúde pública, da governança democrática e da confiança social.

Morozov (2013) e Zuboff (2020) alertam para a articulação entre desinformação e capitalismo de vigilância e evidenciam como corporações digitais lucram com a polarização e com a radicalização discursiva. Nesse sentido, a desinformação não admite caráter acidental – na medida em que a difusão de informações e o estatuto ontológico do que é verdadeiro se acomodam às práticas econômicas prevalentes, a desinformação é uma ferramenta valorizada e mobilizada pelo sistema.

A superação do contexto descrito demanda a constituição de uma literacia midiática– um conjunto de saberes e de práticas por cujo intermédio os sujeitos analisam, interpretam e intervêm nos fluxos informacionais criticamente. Como Buckingham (2007) e como Kellner e Share (2005) defendem, a literacia midiática deve envolver a capacidade de compreender os modos de produção, de circulação e de consumo das informações e seus efeitos simbólicos e políticos.

Ainda que seja impactada pela lógica neoliberal e pela tecnocracia educacional, a escola se manteve um espaço privilegiado de desenvolvimento de competências. No entanto, em conformidade com os apontamentos de Tavares e Silveira (2020), espaços não formais de educação (bibliotecas, centros culturais e iniciativas comunitárias) encontram as verdadeiras brechas para práticas pedagógicas mais experimentais, mais dialógicas e mais emancipadoras. Sendo assim, iniciativas como as palestras promovidas pelas Naves do Conhecimento, em que focamos a seguir, demonstram-se estratégias potentes de combate à desinformação, sobretudo quando articulam escuta ativa, diálogo horizontal e construção coletiva de saberes.

Cabe-nos mencionar, por último, que práticas de verificação de fatos (*fact-checking*) e de checagem colaborativa podem ser incorporadas ao cotidiano das instituições educacionais formais e não formais como metodologias de ensino e de extensão, contribuindo, então, com a formação de sujeitos éticos, informados e comprometidos com a verdade pública. Por isso, o enfrentamento às *fake news* não se esgota na correção pontual de conteúdos e exige, cada vez mais, formação crítica, políticas públicas e mobilização social (Lima et al., 2021; Gohn, 2006).

FAKE NEWS NO BRASIL

As *fake news* permeiam a vida social e se disseminam em escala global, alimentadas por estruturas técnico-discursivas que se valem da arquitetura das plataformas digitais para promover a viralização de conteúdos sensacionalistas e engajantes. No Brasil, o fenômeno adquiriu especificidades importantes a partir de sua instrumentalização por grupos políticos organizados e de sua associação a estratégias de erosão da confiança nas instituições democráticas e nos saberes técnico-científicos (Alves et al., 2023; Santos, 2023).

Particularmente nas áreas da política e da saúde, houve, na última década, um agravamento do ecossistema informacional nacional com as consequências das *fake news*.

Durante os ciclos eleitorais de 2018 e de 2022, as redes sociais se transformaram em espaços destacados de propagação de desinformação, a encargo, principalmente, de atores da extrema direita e de segmentos sociais conservadores, com interesse claro de corroer os pilares do debate democrático.

Conforme a análise de Alves *et al.* (2023) explicita, as narrativas de desinformação veiculadas durante as eleições presidenciais de 2022 sedimentaram pautas autoritárias, fomentaram o negacionismo histórico e ampliaram desconfiâncias infundadas sobre o sistema eleitoral. Entre os principais conteúdos desinformativos, estavam a reinterpretação do regime militar de 1964 como período democrático de resistência ao comunismo, a alegação de que as urnas eletrônicas não são seguras e a difusão de supostas manipulações judiciais e midiáticas em favor do então candidato Luiz Inácio Lula da Silva.

Santos (2023) e Ribeiro e Ortellado (2021) discutem que essas narrativas integram estratégias discursivas coordenadas e sustentadas por redes de influenciadores digitais, por políticos e por organizações que compartilham valores comuns (antidemocráticos) e que atuam na geração de uma “máquina de desinformação”.

Ao analisar a atuação digital do ex-presidente Jair Bolsonaro, Santos (2023) aponta a plataforma X (antigo Twitter) e aplicativos de troca mensagens, como WhatsApp e como Telegram, como veículos de desinformação política e de mobilização populista. Por meio desses canais, o candidato e sua equipe promoveram elementos conspiratórios, ataques a jornalistas e a instituições e manipulação emocional de eleitores, o que contribuiu para a radicalização do debate público e para o tensionamento do processo democrático.

Além das eleições, outro campo decisivo para a proliferação de *fake news* no Brasil foi o da saúde pública, especialmente durante a pandemia de covid-19. Galhardi *et al.* (2022) e Neto *et al.* (2020) afirmam que a difusão de informações falsas sobre a eficácia de vacinas, sobre os “riscos” do isolamento social e sobre o uso de medicamentos ineficazes (casos da cloroquina e da ivermectina) impactou as políticas sanitárias de maneira devastadora, provocando hesitação vacinal, desobediência às recomendações da Organização Mundial da Saúde e aumento sensível das taxas de mortalidade.

Barbosa (2019) e Almeida (2019) relatam que o crescimento da desinformação sobre vacinação em redes sociais – fenômeno investigado, em especial, no contexto do movimento

antivacinas – produziu desdobramentos concretos na diminuição da cobertura vacinal de doenças controladas, como o sarampo e como a febre amarela. Legitimadas por influenciadores digitais e, em alguns casos, por autoridades públicas, as narrativas contrárias às vacinas minaram a confiança dos indivíduos nas instituições de saúde e comprometeram os esforços de imunização em massa.

Uma resposta legislativa relevante ao avanço das *fake news* e da desinformação foi o Projeto de Lei nº 2630/2020, conhecido como “PL das *Fake News*”, que, de acordo com Leão (2022), estabelece diretrizes para responsabilização das plataformas digitais e para promoção de maior transparência no funcionamento dos algoritmos e na circulação de conteúdos patrocinados. Seus objetivos centrais incluem (a) combater a desinformação deliberada; (b) impor mecanismos de rastreabilidade de mensagens em redes sociais com mais de dois milhões de usuários; (c) proibir contas inautênticas e automatizadas que disseminem conteúdo falso; e (d) promover a educação midiática e a checagem colaborativa como medidas de prevenção.

O “PL das *Fake News*” enfrenta resistência de segmentos sociais que o acusam de cercear a liberdade de expressão, porém consistiu, na perspectiva de muitos especialistas, uma medida necessária contra a crise da esfera pública digital. Lima *et al.* (2021, p. ?) o defendem como uma “tentativa de regulação mínima e democrática do ecossistema informacional”, tentativa que, em nossa perspectiva, é necessária à integridade do processo democrático e à garantia dos direitos humanos e sociais.

Algumas tecnologias sociais direcionadas à formação cidadã se desenvolveram de forma paralela às iniciativas legais, situação do aplicativo “Eu Fiscalizo”, da Fiocruz, que faculta aos usuários a denúncia de conteúdos desinformacionais (Galhardi, 2023). A partir do engajamento dos cidadãos e da institucionalização de mecanismos de combate à desinformação, o aplicativo representa uma possibilidade concreta e viável de democratização do controle social sobre o ecossistema midiático.

Concluimos, assim, que o enfrentamento às *fake news* requer uma abordagem que seja transversal e integrada quanto às áreas de conhecimento; e que articule políticas públicas, mobilização comunitária, regulação de plataformas e valorização de práticas educativas críticas e emancipadoras, a exemplo das que mencionamos neste artigo.

METODOLOGIA

Adotamos uma abordagem qualitativa na condução desta investigação e a ancoramos na suposição de que a compreensão dos fenômenos sociais demanda atenção às experiências dos sujeitos e à tessitura simbólica das suas práticas discursivas – suposição que os impede de serem apreendidos por meio de variáveis mensuráveis e de categorias estáticas, isoladamente. Em consonância com Flick (2004) e com Minayo (2001), privilegiamos a emergência de significados sociais e a centralidade das narrativas dos participantes como fontes epistemológicas relevantes de enquadramento e de entendimento do problema investigado.

O estudo se define como qualitativo e exploratório-descritivo e se centra na análise de três palestras formativas sobre *fake news* realizadas em unidades das Naves do Conhecimento, entre junho e agosto de 2023. O corpus se constitui por 26 entrevistas presenciais semiestruturadas conduzidas ao término das atividades, em um universo de 35 ouvintes, recorte intencional que delimitamos de acordo com a participação efetiva nas ações e com a adesão voluntária dos sujeitos à entrevista.

As Naves do Conhecimento oferecem cursos gratuitos à população sobre temas relacionados às tecnologias digitais, por meio de oficinas, de palestras, de atividades culturais e de ações de extensão. Em parceria com a Secretaria Municipal de Educação (SME/RJ), atuam na formação continuada de servidores públicos da educação. Atualmente, o município do Rio de Janeiro conta com unidades, que se distribuem em regiões periféricas e de alta vulnerabilidade social: Engenho de Dentro, Irajá, Madureira, Nova Brasília, Padre Miguel, Penha, Santa Cruz, Triagem e Vila Aliança. Seu posicionamento territorial se embasa na inclusão social e digital de populações afastadas das oportunidades formativas dos grandes centros.

A divulgação das palestras com o tema “combate às *fake news*” e as respectivas inscrições ocorreram por meio das redes sociais das Naves do Conhecimento (Facebook, WhatsApp e Instagram), com cartazes com nomes dos palestrantes, com minicurrículos, com entidades parceiras e com datas dos eventos. Em 2023, ministraram-se três palestras: a primeira ocorreu em 13 de junho, na unidade de Triagem; a segunda, em 3 de julho, na unidade de Madureira (Figura 1); e a terceira em 25 de agosto, em Santa Cruz.

Figura 1 – Nave do Conhecimento de Madureira

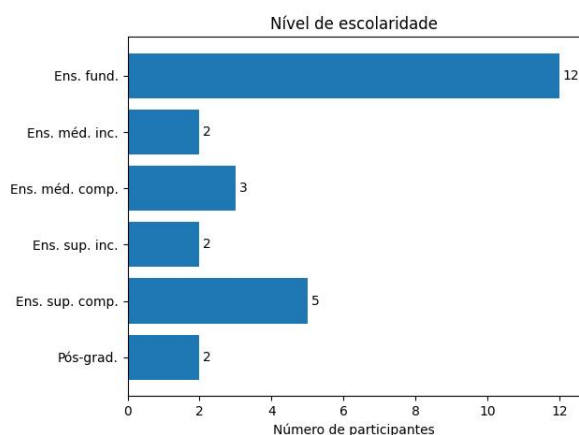


Fonte: Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro (2023)

Conduzidas por autores deste artigo, as palestras duraram de 1h30 a 2h e se caracterizaram por exposição oral e por utilização de *slides*. Suas operacionalizações se iniciaram com apresentações pessoais e profissionais dos palestrantes. Em seguida, mencionava-se uma frase do educador Paulo Freire, tomada como mote para uma reflexão. Após essa etapa, definiam-se *fake news*, e se discutiam procedimentos capazes de evitar desinformação. Por último, discutiam-se exemplos de desinformação encontrados em redes sociais e outros assuntos atinentes ao tema.

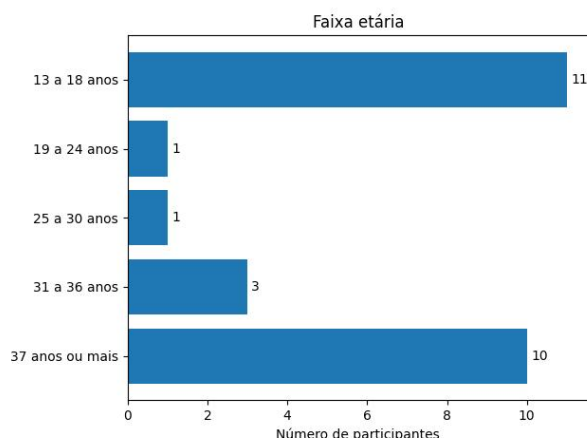
35 sujeitos participaram das três palestras, entre estudantes das Naves do Conhecimento, equipe interna de assessores e público externo. Consultem-se os Gráficos 1 e 2, de cuja comparação se aduz a distribuição dos sujeitos ouvintes por nível de escolaridade e por faixa etária. Por motivos diversos, dos 35 sujeitos ouvintes, 26 foram entrevistados.

Gráfico 1 – Nível de escolaridade dos sujeitos participantes



Fonte: Elaboração pelos autores (2025)

Gráfico 2 – Faixa etária dos sujeitos participantes



Fonte: Elaboração pelos autores (2025)

A Nave do Conhecimento de Triagem (Figura 2) foi escolhida por conter, em sua maioria, participantes com idade superior a 40 anos. Antes do início da palestra, quando os indagamos sobre sua assiduidade nas atividades do espaço, o coordenador das ações relatou que, na área em que a unidade se localiza, são frequentes e intensos os conflitos de violência urbana.

Figura 2 – Palestra na Nave do Conhecimento de Triagem



Fonte: Coordenação da Nave do Conhecimento de Triagem (2023)

Os conflitos de violência urbana são justificavas válidas de por que somente seis sujeitos se inscreveram no evento, dos quais três eram assessores da Nave de Conhecimento, dois eram visitantes, e um era estudante. Do total de ouvintes, cinco concederam entrevista à pesquisa. Os efeitos da disseminação de *fake news* na política, na saúde e na educação foram as questões mais pontuadas com os presentes durante a palestra.

A faixa etária do público da Nave do Conhecimento de Madureira (Figura 3) era mista, com maioria de jovens e de idosos. Igualmente, os pesquisadores indagaram à coordenadora pedagógica se os estudantes eram assíduos nas atividades do espaço e foram informados de que havia participação ativa nos eventos, favorecida, sobretudo, por sua localização no Parque de Madureira, espaço público com opções de lazer e de entretenimento.

Figura 3 – Palestra na Nave do Conhecimento em Madureira



Fonte: Coordenação da Nave do Conhecimento de Madureira (2023)

Na segunda experiência da pesquisa, inscreveram-se doze sujeitos – seis da equipe da unidade e seis estudantes –, dos quais oito nos forneceram entrevista. Os impactos das desinformações nas áreas de saúde e de educação foram os efeitos que mais chamaram a atenção dos presentes.

A Nave do Conhecimento de Santa Cruz (Figura 4) compreende o maior número de participantes da faixa etária jovem. Ao ser indagado sobre a assiduidade dos estudantes, o coordenador pedagógico da unidade relatou que há dificuldades em sua participação ativa. Apesar de toda a disponibilidade tecnológica, a falta de assistência da Prefeitura do Rio de Janeiro não garantia a acessibilidade e a permanência dos participantes no local.

Figura 4 – Palestra na Nave do Conhecimento em Santa Cruz



Fonte: Coordenação da Nave do Conhecimento de Santa Cruz (2023)

A terceira palestra se realizou com um público de estudantes do Ensino Fundamental, uma vez que a maioria dos matriculados nas atividades provinha de escolas públicas municipais próximas ao espaço. Recebemos um público de 17 pessoas: dois servidores públicos, 13 estudantes de uma escola pública (visitantes) e dois estudantes da unidade. Desse grupo, 13 sujeitos concederam entrevista à pesquisa. A experiência na Nave do Conhecimento de Santa Cruz foi enriquecedora, considerando que os ouvintes, com destaque para os estudantes da escola pública municipal, envolveram-se no tema e compartilharam experiências, fazendo-nos perguntas.

Para encontrar indícios que nos permitissem responder à questão norteadora desta pesquisa (“como a formação de indivíduos sobre *fake news* pode contribuir como ação de combate e de prevenção a essa prática digital?”), optamos por realizar entrevistas de acordo com a perspectiva de Gaskell (2002), de acordo com o qual esse instrumento garante os pesquisadores dos acesso a pontos de vista, a valores, a motivações e a formas de compreensão dos sujeitos sobre problemas situados socialmente.

Além disso, refletimos acerca dos possíveis desdobramentos das palestras na formação crítica de sujeitos e sobre suas implicações no modo como utilizam as mídias sociais; e intentamos demonstrar como as palestras são ferramentas relevantes para o entendimento da educação popular.

A fim de cumprir os objetivos traçados, entrevistamos, ao fim das palestras, individualmente, os sujeitos ouvintes que se voluntariaram. Elaboramos e seguimos um roteiro de perguntas baseados nas premissas de Gaskell (2002), para facilitar a condução das entrevistas.

Com indagações mais e menos abertas, o roteiro semiestruturado se compunha das perguntas abordadas na sequência. Posto que, em uma das unidades, a pesquisa envolveu estudantes do Ensino Fundamental, reiteramos a observância às normas e às boas práticas acadêmicas quanto à autorização institucional, ao consentimento dos responsáveis e à anonimização dos relatos mobilizados na análise. Apresentamos as respostas por recorrências temáticas e sem identificação dos participantes.

- O que motivou você a vir à palestra?
- O que você entendeu por *fake news*?
- Quais foram os principais pontos destacados na palestra sobre *fake news*?
- Qual é o principal desafio, em sua opinião, para o combate à disseminação das *fake news*?
- Quais são os exemplos mais recentes de *fake news* que, em sua opinião, tiveram impactos significativos?
- Quais são as responsabilidades individuais na prevenção e no combate às *fake news*? O que cada um de nós pode fazer nesse sentido?
- Você tem visto, em sua comunidade, exemplos de iniciativas para acabar ou, no mínimo, diminuir a disseminação das *fake news* nas mídias? Se sim, quais?
- Quais são as lições aprendidas e as melhores práticas a serem compartilhadas a partir da palestra?
- A quais tipos de mídia você tem acesso?
- Em que área as *fake news* têm maior impacto: política, economia, cultura, educação, jornalismo e/ou outras?

ANÁLISE E RESULTADOS

A análise das entrevistas realizadas com os 26 sujeitos que participaram das palestras adotou os pressupostos da *análise de conteúdo* (Bardin, 1977), com especial atenção às suas três etapas metodológicas: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados obtidos. Isso nos permitiu identificar recorrências discursivas, construções simbólicas e modos de apropriação subjetiva das *fake news* à luz do referencial teórico definido.

Em virtude da importância atribuída à dimensão formativa da experiência discursiva, nossa análise se fundamenta na concepção de que a linguagem é um espaço de construção de sentidos

e de posicionamentos dos sujeitos no mundo (Charaudeau, 2022). Assim, por consequência, cada enunciado recolhido dos sujeitos significa, para nós, a manifestação de um posicionamento subjetivo em um campo ideológico e informacional tensionado por disputas de sentidos. Passamos às principais categorias analíticas percebidas no *corpus* e as submetemos ao crivo do referencial teórico em que nos aportamos.

O que motivou você a vir à palestra?

Quando foram convidados a explicitar o que os motivara a participar das palestras, os sujeitos citaram três eixos discursivos predominantes: a curiosidade, a atualização e a aprendizagem. A *curiosidade*, geralmente associada a um desconhecimento prévio do tema, expressa uma disposição investigativa inicial, que, segundo Freire (2008), constitui um dos alicerces do aprender. A *atualização*, por sua vez, apareceu, com mais frequência, entre profissionais e entre servidores públicos, interessados, ambos os grupos, em qualificar sua leitura da realidade. Por último, a *aprendizagem* foi evocada por sujeitos que enxergaram a palestra como oportunidade de construção coletiva de conhecimentos.

Essas motivações devem ser encaradas como indícios da heterogeneidade dos saberes e das experiências que os participantes carregaram para os espaços não formais de ensino. É possível afirmar que a ação educativa cumpriu uma função integradora, porque incentivou os sujeitos ouvintes relacionassem repertórios próprios e distintos de experiências e de conhecimentos em torno de um problema público – a desinformação –, o que corrobora as formulações de Gohn (2006) a respeito dos efeitos emancipadores dos ambientes comunitários de formação.

O que você entendeu por *fake news*?

As definições de *fake news* dos entrevistados oscilaram entre concepções mais elementares – “notícias falsas” e “mentiras da internet” – e concepções mais complexas, nas quais havia saliência da intencionalidade da manipulação, da circulação estratégica do conteúdo e de seus efeitos sociais. A oscilação se ressalta metodologicamente, visto que a interpretamos

como indício de que o reconhecimento do fenômeno antecede, em muitas situações, sua elaboração conceitual rigorosa.

Deparamo-nos com uma ambiguidade discursiva digna de nota. Por mais que parte dos sujeitos reduzisse o problema das *fake news* à falsidade de enunciados publicizados, seus campos de resposta entreviam uma percepção pragmática mais refinada e mais focada no engano, na confusão informacional e no dano produzido pelo compartilhamento. Supondo que nossa interpretação seja verdadeira, a compreensão funcional do fenômeno pelos sujeitos avançou mais do que as respectivas formulações terminológicas. Esse resultado reforça, em sentido estrito, a necessidade de que as ações formativas definam categorias e, em sentido amplo, os efeitos da explicitação das operações discursivas por cujo intermédio informações verdadeiras, informações falsas e informações verossímeis se entrelaçam.

Quais foram os principais pontos destacados na palestra sobre *fake news*?

As respostas à pergunta revelaram que os sujeitos retiveram, com mais clareza, três conjuntos temáticos: (i) a importância de verificar a fonte de informações; (ii) os impactos das *fake news* na saúde pública, em especial durante a pandemia de covid-19; e (iii) o papel das tecnologias digitais na fabricação de desinformação.

Além de evidenciar o alinhamento entre a proposta das palestras e os saberes apropriados pelos sujeitos, os conjuntos temáticos indicam um deslocamento da simples recepção passiva da informação para um posicionamento crítico, ainda que seja incipiente, em relação ao conteúdo consumido. Isso confirma as hipóteses de Buckingham (2007), segundo as quais a literacia midiática envolve o desenvolvimento de uma consciência discursiva sobre a produção e sobre a circulação dos conteúdos.

Qual é o principal desafio, em sua opinião, para o combate à disseminação das *fake news*?

Ao serem indagados sobre os maiores desafios para combater as *fake news*, os participantes apontaram três grandes obstáculos: (a) a dificuldade de rastrear as origens das informações, muitas vezes anônimas e/ou propagadas por redes de comunicação fechadas; (b) a

sobrecarga cognitiva diante da abundância informacional, fenômeno identificado como infodemia pela Organização Mundial da Saúde; e (c) a desinformação intencional por figuras públicas, o que compromete a credibilidade institucional e gera ceticismo em relação à noção de verdade.

Mais importante, porém, do que a enumeração dos obstáculos é a tensão que atravessa as respostas dos sujeitos: reconheceram que a desinformação se amplifica por estímulo de estruturas opacas de circulação, de autoridades públicas e de dinâmicas algorítmicas sobre as quais não têm controle, mas, ao mesmo tempo, tendem a localizar no indivíduo a responsabilidade primária pelo combate ao problema. A ambiguidade denota que a percepção do caráter estrutural da desinformação se encontra em formação, embora conviva com uma gramática individualizante dos deveres de checar, de suspeitar e de não compartilhar (Han, 2021).

Quais são os exemplos mais recentes de *fake news* que, em sua opinião, tiveram impactos significativos?

Quando foram solicitados a identificar exemplos recentes de *fake news* que, em sua opinião, tiveram impactos significativos sobre algo, os participantes exibiram um repertório experiencial situado e preenchido por memórias com impactos emocionais e sociais. As respostas se organizaram em redor de quatro eixos temáticos principais:

- ***fake news* sobre saúde pública**, especialmente as vinculadas à pandemia de covid-19 – foram mencionadas, com frequência, a composição das vacinas, suas supostas consequências nocivas e o uso de medicamentos sem eficácia comprovada, como a cloroquina. Os exemplos correspondem a efeitos deletérios factuais da desinformação no campo da saúde coletiva brasileira e dialogam com os estudos de Galhardi *et al.* (2022), que identificaram correlações entre *fake news* e hesitação vacinal, e com o trabalho de Neto *et al.* (2020), que relaciona o aumento de casos de doenças controladas à desinformação sistemática;
- ***fake news* sobre mortes de figuras públicas**, como celebridades e como autoridades políticas – foram apontados os usos indevidos de imagens, de áudios e de montagens e o modo como geram pânico, comoção social e compartilhamentos impulsivos. Os episódios ilustram os tipos de conteúdo que Wardle (2019) classifica como *conteúdo fabricado*, como *conteúdo impostor* e como *conteúdo manipulado*; e sugerem como a dramatização emocional favorece a viralização e obscurece critérios de veracidade;

- **fake news políticas**, sobretudo relacionadas às eleições presidenciais de 2018 e de 2022 – foram citados conteúdos que duvidavam da segurança das urnas eletrônicas, que disseminavam teorias conspiratórias sobre fraudes eleitorais e que reescreviam o passado recente, como a negação do golpe de 1964 e como a exaltação da ditadura como suposto “período de ordem”. Esses relatos confirmam os achados de Alves *et al.* (2023) e de Santos (2023), segundo os quais existe uso estratégico de desinformação para manipular o comportamento eleitoral e para minar a confiança nas instituições democráticas;
- **fake news tecnológicas** – foram apontados, principalmente por sujeitos mais jovens, vídeos com inteligência artificial, montagens hiper-realistas e conteúdos gerados por *deepfake*. Embora não tenham nomeado as tecnologias, os entrevistados relataram casos de vídeos e de áudios “que pareciam reais” e que “enganaram muita gente”. Isso sugere uma percepção intuitiva do impacto da automação na produção de desinformações e corrobora os alertas de Santaella (2018) e de Han (2021) sobre os riscos de manipulação algorítmica e de hiper-realidade na sociedade digital.

Observamos, então, que os exemplos listados pelos sujeitos mensuram o alcance das *fake news* e refletem um processo de construção de memória coletiva orientado por compartilhamento de experiências traumáticas e de afetos. A constatação se alinha à concepção de Charaudeau (2022) de que as *fake news* operam – mais do que pela mentira – pela mobilização estratégica de crenças pré-existentes e pela manipulação da credibilidade simbólica de certos discursos.

Quais são as responsabilidades individuais na prevenção e no combate às *fake news*? O que cada um de nós pode fazer nesse sentido?

As respostas às perguntas tangenciaram um núcleo interpretativo importante: o reconhecimento da responsabilidade subjetiva na mediação da informação que se recebe e que se compartilha. A maior parte dos entrevistados destacou as necessidades de verificar a origem da informação, de investigar a veracidade de notícias suspeitas e de adotar posturas cautelosas antes

de repassar qualquer conteúdo em redes sociais. Alguns citaram, explicitamente, o uso de buscadores e de sites de checagem, como Lupa, como Aos Fatos e como Boatos.org.

As respostas sugerem, assim, a emergência de uma postura reflexiva compatível com a noção de literacia midiática crítica (Buckingham, 2007); Kellne; Share, 2005). Não defendemos a convergência dos entrevistados em uma consciência homogênea nem estabilizada, o que não houve; todavia, tendo em vista que a defesa da checagem dividiu seu espaço com declarações de insegurança quanto aos critérios de confiabilidade, sustentamos que a internalização normativa do dever de verificar predominou sobre o domínio efetivo dos procedimentos de verificação.

Pareceu-nos claro que a consciência convive com sentimentos de impotência e de sobrecarga cognitiva, sobretudo entre os sujeitos com menor grau de escolarização, que relataram não saber “em quem confiar” e “como distinguir uma fonte confiável”. A oscilação entre agência e vulnerabilidade ecoa as observações de Han (2021) sobre a infocracia, regime discursivo sob o qual expansão do acesso não elimina a desorientação epistêmica e pode, em certas condições, intensificá-la.

Você tem visto, em sua comunidade, exemplos de iniciativas para acabar ou, no mínimo, diminuir a disseminação das fake news nas mídias? Se sim, quais?

A maioria dos sujeitos respondeu negativamente à primeira pergunta. Quando houve menções positivas, tratava-se de iniciativas esporádicas, como alertas de professores a estudantes e de líderes religiosos a fiéis discutindo, sem continuidade estruturada, sem financiamento público e sem articulação institucional.

O dado nos sugeriu menos uma ausência absoluta de preocupação comunitária e mais a rarefação de iniciativas contínuas e reconhecíveis pelos sujeitos – se a ação existia, soou-lhes uma advertência dispersa; se não existia, a lacuna lhes pareceu natural. A baixa institucionalização do enfrentamento à desinformação ajuda a explicar por que ações pontuais, como as palestras em análise, repercutem nos território de maneira desproporcional: cabe-lhes, ainda que seja provisoriamente, ocupar todo o vazio formativo e informacional presente.

O problema não se esgota em déficits individual de atenção e de instrução, e os depoimentos são firmes quanto a isso. É comum que se agrave quando os territórios carecerem

de mediações estáveis – escolares, comunitárias e institucionais – capazes de interromper a circulação automática de conteúdo e de oferecer critérios públicos de verificação.

Quais são as lições aprendidas e as melhores práticas a serem compartilhadas a partir da palestra?

Dois grupos de respostas se destacaram. Cerca de 50% dos entrevistados apontaram a necessidade de atentar, com mais rigor, ao conteúdo compartilhado nas redes sociais, priorizando atitudes de pausa, de checagem e de verificação contextualizada. Designada “cuidado”, “calma”, “pesquisa” e “desconfiança saudável”, essa atenção se aproxima do que Stokke e Fallis (2017) descrevem como resistência ética a formas de discurso marcadas pela indiferença à verdade. Esses procedimentos evitam, sim, erros factuais; porém, sua contribuição maior está em seu potencial de suspender a circulação automática do conteúdo e de reintroduzir um momento de exame no gesto de compartilhar.

O segundo grupo de respostas deslocou a ênfase do autocuidado informacional para a difusão, em seu círculo próximo, do que aprenderam. O posicionamento nos propiciou materialidade de que, para um subconjunto de sujeitos, o ganho da palestra não se encerrava no ganho individual de informação. Ao menos em intenção, registramos disposição de retransmitir critérios de cautela a familiares, a amigos e a colegas, fazendo das palestras formativas espaços multiplicadores compatíveis com práticas de educação popular e de circulação horizontal do saber.

A quais tipos de mídia você tem acesso?

Todos os entrevistados declararam acessar redes sociais com regularidade, sendo o WhatsApp, o Facebook e o Instagram as mais citadas. O uso dessas mídias se associou, geralmente, à comunicação interpessoal, ao consumo de conteúdos audiovisuais e à obtenção de “informações rápidas”. Poucos souberam apontar critérios para distinguir canais confiáveis de canais não confiáveis.

Além das redes sociais, alguns sujeitos declararam utilizar televisão e rádio, sobretudo formatos populares, programas jornalísticos sensacionalistas e emissoras abertas. Isso importa na medida em que visibiliza que o consumo informacional não se organiza em circuitos puros:

plataformas digitais e mídias tradicionais coexistem, de modo que a credibilidade atribuída a um conteúdo pode derivar menos de sua fonte originária do que de sua recirculação em ambientes familiares e próximos afetivamente.

A coexistência de rotas de acesso a informações dificulta a separação nítida entre informação jornalística, boato digital e comentário opinativo e amplia as zonas cinzentas de sentido. Nesse ambiência, a vulnerabilidade à desinformação decorre tanto da exposição ao conteúdo falso, quanto da sobreposição de hábitos cotidianos de consumo e de critérios frágeis de validação.

Em que área as *fake news* têm maior impacto: política, economia, cultura, educação, jornalismo e/ou outras?

A política foi citada como o campo mais vulnerável, seguida pela saúde e pela educação. A hierarquia é coerente com a literatura sobre o tema (Alves et al., 2023; Galhardi et al., 2022; Santos, 2023), contudo o *corpus* acrescenta um dado qualitativo: os participantes não distribuíram os impactos de modo indiferenciado e associaram cada domínio a formas específicas de dano social. Nos relatos de participantes mais velhos, sobressaiu-se a erosão da confiança institucional, inclusive no sistema eleitoral. Entre os mais jovens, a ênfase recaiu no descrédito do professor, da ciência e da escola como instâncias autorizadas de conhecimento, com menções a vídeos desinformativos vistos em plataformas como TikTok e como YouTube.

A desinformação não incide, segundo nos afirmaram, sobre conteúdos exclusivos; seus alvos são os critérios sociais de legitimação do saber. O deslocamento do enunciado falso para a corrosão das mediações epistêmicas confere, tanto quanto pudemos identificar, uma gravidade mais duradoura ao fenômeno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As palestras proferidas sob o título “O combate às *fake news*”, realizadas nas Naves do Conhecimento de Triagem, de Madureira e de Santa Cruz, no município do Rio de Janeiro, mostraram-se, conforme analisamos as entrevistas de seus ouvintes, ações educacionais

informativos com efeitos formativos positivos perceptíveis, ainda que sejam situados e limitados, no enfrentamento da desinformação.

As entrevistas semiestruturadas nos forneceu base para verificar que as ações impactaram a compreensão dos participantes do fenômeno das *fake news* e suas implicações nas esferas da política, da saúde e da vida cotidiana. Se, por um lado, muitos definiram o fenômeno de forma genérica, associando-o a “notícias falsas”, observamos, por outro lado, um movimento de complexificação da leitura do problema, principalmente no que toca à verificação de fontes, à identificação de danos sociais e à responsabilidade pelo compartilhamento.

Advém de tal movimento de complexificação a relevância de espaços não formais de ensino para ações dessa natureza: sua força engloba mais que flexibilidade metodológica e se alicerça, com maior potencial, na capacidade de reunir públicos heterogêneos em um ambiente cuja organização prescinde de controle rígido de escolarização, favorecendo a escuta e a interlocução. Sendo assim, as Naves do Conhecimento marcaram a investigação como dispositivos promissores de formação crítica, por mais que seu alcance se submeta à continuidade institucional, ao investimento público e às condições materiais de funcionamento.

Constatamos que as *fake news* impactam, de forma transversal, diferentes dimensões da vida social, com ênfase em temas de saúde e de política – evidência coerente com estudos anteriores (Galhardi et al., 2022; Santos, 2023). A escassez de iniciativas coletivas de enfrentamento do problema nas comunidades dos participantes revela, entretanto, uma lacuna estrutural que ações episódicas são têm condições de suprir.

Outra conclusão que a análise nos fomentou diz respeito à educação, tanto a formal quanto a informal, como prática emancipadora (Freire, 2008). Os relatos indicaram que as palestras, para muitos sujeitos, foram o primeiro contato sistemático com o debate a respeito da desinformação; e apontam, simultaneamente, a urgência e a potência de ações educativas direcionadas à cidadania digital, entendida como desenvolvimento de competências ético-críticas.

Os dados esclareçam, ainda, um descompasso entre o acesso frequente às redes sociais e às mídias tradicionais e hábitos regulares de verificação. Esse é, talvez, o achado mais expressivo da investigação, visto que desfaz a impressão errônea de que a conectividade, por si, acarreta literacia midiática. Ao contrário, notamos que, sem práticas reiteradas de checagem, de

comparação de fontes e de suspensão do compartilhamento imediato, o consumo informacional permanece vulnerável à desinformação.

Em resumo, os resultados nos autorizam a avaliar as palestras como iniciativas relevantes socialmente e produtivas pedagogicamente, embora sejam insuficientes para enfrentar a complexidade do problema estudado. Enquanto persistirem circuitos amplos de desinformação e critérios frágeis de validação pública de informações, defenderemos que cabe à educação, em contextos escolares e não escolares, fortalecer as disposições críticas de leitura, de checagem e de responsabilização discursiva dos cidadãos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Amanda Milléo. **Movimento antivacinas na internet**: da apropriação e recirculação do jornalismo de saúde ao empoderamento de grupos no Facebook. 2019. 120 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/handle/1884/64287>. Acesso em: 30 maio 2025.
- ALVES, M. et al. **Desinformação e eleições de 2022 no Brasil**: lições aprendidas no contexto Sul-Sul. INCT em Disputas e Soberanias Informacionais. Amherst, MS: Universidade de Massachusetts Amherst; Niterói: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Disputas e Soberania Informacionais, 2023. Disponível em: <https://inctdsi.uff.br/wp-content/uploads/sites/699/2024/01/Desinformacao-E-Eleicoes-De-2022-No-Brasil-Licoes-Em-Um-Contexto-Do-Sul-Global.pdf>. Acesso em: 30 maio 2025.
- BAPTISTA, Cássio; CARDOSO, Gustavo. **Desinformação**: epistemologia, política e redes. São Paulo: Edições Sesc, 2022.
- BARBOSA, Matheus Felipe Dias. **Confrontando informações de fake news na aula de biologia** – sequência didática com viés investigativo sobre a febre amarela. 2019. 118f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Biologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/32744>. Acesso em: 30 maio 2025.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BELUZZO, Regina. Informação e cidadania: reflexões sobre o papel da biblioteca pública. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 1, p. 40-46, 2003.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.
- BUCKINGHAM, David. **Media education**: literacy, learning and contemporary culture. Cambridge: Polity Press, 2007.

CASTELLS, Manuel. **Comunicação e poder**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

CHARAUDEAU, Patrick. **A manipulação da verdade**. São Paulo: Contexto, 2022.

D'ANCONA, Matthew. **Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news**. São Paulo: Faro, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 37. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 64-73.

GALHARDI, Cláudia *et al.* Fake news e hesitação vacinal no contexto da pandemia da covid-19 no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, São Paulo, v. 27, n. 5, p. 1849-1858, 2022.

GALHARDI, Cláudia. **Conteúdo desinformativo disseminado em redes sociais, sites e aplicativos de mensagens sobre a pandemia de Covid-19 no Brasil e notificado por usuários por meio do App Eu Fiscalizo: período de 2020 a 2022**. Rio de Janeiro: Icict, 2023.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor**. São Paulo: Cortez, 2006.

HAN, Byung-Chul. **Infocracia: digitalização e a crise da democracia**. Petrópolis: Vozes, 2021.

KELLNER, Douglas; SHARE, Jeff. Toward critical media literacy: core concepts, debates, organizations, and policy. **Discourse: Studies in the Cultural Politics of Education**, New York, v. 26, n. 3, p. 369-386, 2005.

LEÃO, Giselle. A regulação das plataformas digitais: análise do Projeto de Lei das Fake News (PL 2630/2020). **Revista Brasileira de Direito Digital**, v. 2, n. 3, p. 35-42, 2022.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2010.

LIMA, Silvio; SOARES, Vanessa; BRITO, Fernanda. Infodemia e saúde pública: a regulação da desinformação digital como política sanitária. **Revista Comunicação & Saúde**, Brasília, v. 12, n. 1, p. 88-105, 2021.

MASETTO, Marcos T. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. São Paulo: Papirus, 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2001.

MOROZOV, Evgeny. **O desengano da internet: os mitos da liberdade na rede**. São Paulo: Zahar, 2013.

NETO, Mercedes *et al.* Fake news no cenário da pandemia de Covid-19. **Cogitare Enfermagem**, Curitiba, v. 25, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v25i0.72627>. Acesso em: 30 maio 2025.

PARISER, Eli. **O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SANTAELLA, Lucia. **A pós-verdade é verdadeira ou falsa?**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2018.

SANTOS, Emanuella Alves. **Populismo digital: o uso do Twitter durante o segundo turno das eleições presidenciais de 2022**. 2023. 92 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2023. Disponível em: <https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/19618>. Acesso em: 30 maio 2025.

STOKKE, Andreas; FALLIS, Don. Bullshitting, lying, and indifference toward truth. **Ergo: an Open Access Journal of Philosophy**, v. 4, n. 10, p. 277-309, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.3998/ergo.12405314.0004.010>. Acesso em: 30 maio 2025.

TANDOC JR., Edson C.; LIM, Zheng Wei; LING, Richard. Defining “fake news”. **Digital Journalism**, v. 6, n. 2, p. 137-153, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/21670811.2017.1360143>. Acesso em: 30 maio 2025.

TAVARES, André; SILVEIRA, Gláucia. Letramento digital e educação popular: uma leitura crítica das TICs na formação cidadã. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 44-62, 2020.

WARDLE, Claire. **Entender a desordem informacional**. Berlim: First Draft Publishing, 2019.

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

HISTÓRICO

Submetido: 09 de Jul. de 2025.

Aprovado: 23 de Abr. de 2026.

Publicado: 10 de Mai de 2026.

COMO CITAR O ARTIGO - ABNT:

Liao, T.; Pereira, R. S.; Thees, A.; Aguiar, M. S. Reflexos de uma ação anti-fake news em espaços não formais de ensino. **Revista Linguagem, Educação e Sociedade - LES**, v. 30, n.63, 2026, eISSN:2526-8449.